



ENTRE A NATUREZA E A CULTURA: O IDEÁRIO ROUSSEAUNIANO NO CABEÇALHO DA CAPA DE O TICO-TICO

Paulo Eduardo Santos de Faria¹;

1. INTRODUÇÃO

Os impressos, enquanto suportes materiais da memória cultural e pedagógica de uma época, constituem-se como fontes documentais privilegiadas para a história da educação (Campos, 2012), campo historiográfico que tem se renovado ao reconhecer a pertinência de objetos antes relegados a um segundo plano (Prost, 2008). Inserida nesse contexto, a revista infantojuvenil *O Tico-Tico*, lançada em 1905, emerge como um objeto de estudo fundamental para a compreensão dos ideais que moldaram a educação e a infância no Brasil da Primeira República. Este trabalho se debruça sobre um elemento específico e seminal desta publicação: o cabeçalho da sua primeira edição, de autoria de Angelo Agostini, analisando-o não como mero componente gráfico, mas como um enunciado visual denso de significados. Surge, assim, a problemática que guia este estudo: de que maneira o cabeçalho de *O Tico-Tico*, ao mobilizar a retórica da liberdade natural rousseauniana, oculta seu verdadeiro papel como um dispositivo pedagógico para a formação do cidadão republicano?

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar o cabeçalho da edição inaugural de *O Tico-Tico* (1905) sob a perspectiva do pensamento de Jean-Jacques Rousseau. A relevância da análise reside em lançar mão do arcabouço da história cultural e da semiótica para investigar as representações – aqui entendidas, com Roger Chartier, como as disputas por meio das quais diferentes grupos buscam dar sentido e ordenar o mundo social (Guimarães, 2021) – veiculadas por um produto da nascente indústria cultural brasileira. Busca-se demonstrar como a composição imagética – que apresenta crianças em um estado de natureza idealizado – funciona como um dispositivo pedagógico que veicula os princípios de uma educação baseada na experiência e na liberdade, cumprindo uma função propedêutica (Prost, 2008) de formação para a vida cívica, em consonância com o projeto civilizatório republicano da época.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se constitui como uma operação historiográfica, no sentido proposto por Michel de Certeau, que articula um lugar de produção, uma prática e uma escrita (Certeau, 1985). A prática inicia-se com o gesto de separar e transformar em ‘documento’ um

¹ Mestre em Artes (UnB), Doutorando em Educação - História e Historiografia da Educação - PPGED/UFU.
E-mail: faria.paulo@gmail.com





objeto específico: o cabeçalho da primeira edição da revista O Tico-Tico. Este elemento gráfico é tratado como uma “pedra angular” da identidade visual do periódico, um enunciado privilegiado que, ao ser interrogado, permite desvelar intencionalidades de um projeto pedagógico subjacente. A estratégia de análise parte do primado da questão sobre a fonte, buscando, como adverte Antoine Prost (2008), tratar o testemunho voluntário como se fosse involuntário, questionando-o sobre algo distinto do que ele pretendia exprimir.

Para tanto, a abordagem metodológica fundamenta-se na história cultural e na semiótica do discurso. Mobiliza-se o conceito de representação em sua dupla dimensão, o que exige, conforme Roger Chartier, a compreensão das "formas, intenções e código da representação mesma" para decodificar seu significado para além da sua aparência (Guimarães, 2021, p. 3). A partir da noção de semântica tensiva (Greimas, 2002), opera-se sobre as oposições presentes na fonte – como a relação entre natureza e cultura – para fazer emergir as retóricas que permaneciam silenciosas. Deste modo, o método não visa provar a presença literal do pensamento rousseauiano, mas, ao contrário, utilizar essa perspectiva teórica para friccionar o objeto e, a partir do tensionamento gerado, dar-lhe voz para que responda suas próprias questões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1: Cabeçalho – Detalhe da Capa fac-símile da edição 01 de O Tico-Tico (11 de outubro de 1905).



Fonte: Vergueiro; Santos (2005).

A análise do cabeçalho da edição inaugural de O Tico-Tico (Figura 1) revela uma cena que, em sua camada superficial, materializa visualmente os preceitos de uma educação naturalista. A composição exhibe um cenário bucólico onde crianças, em um estado de pureza idealizado, interagem de forma autônoma com o ambiente e com as próprias letras do título,





que se tornam objetos de exploração. Esta representação dialoga diretamente com a pedagogia de Jean-Jacques Rousseau, para quem o aprendizado deve ser fundamentado na experiência direta com o mundo físico, permitindo que as crianças desenvolvam suas habilidades cognitivas e sensoriais de maneira autônoma, seguindo seu ritmo natural (Rousseau, 1995). A ausência de figuras adultas é emblemática, pois, na perspectiva rousseuniana, a sociedade é frequentemente um agente de corrupção da bondade inata infantil. A cena, portanto, constrói um ideal de infância protegida, aprendendo em coletividade e em harmonia idílica com a natureza.

Contudo, uma abordagem fundamentada pela história cultural e pela semiótica permite avançar sobre essa leitura inicial, tratando o cabeçalho não como uma mera ilustração, mas como uma fonte documental complexa. Essa abordagem se alinha ao conceito de representação de Roger Chartier, que as entende não como espelhos da realidade, mas como as lutas e práticas por meio das quais os grupos sociais buscam ordenar e dar sentido ao mundo (Guimarães, 2021, p. 4). Conforme adverte Peter Burke (2017), as imagens devem ser interrogadas para que revelem “algo que os artistas desconheciam estar ensinando” (p. 17), um esforço para tornar expressivas as mensagens que permaneciam silenciosas. Este procedimento alinha-se às discussões do GT 1 ao demonstrar como um impresso periódico de grande distribuição, quando submetido a uma análise discursiva rigorosa, se converte em um documento valioso para a história da educação, evidenciando a circulação e a apropriação de ideias pedagógicas.

O aprofundamento da análise semiótica expõe um elemento de tensão central na imagem, articulado a partir da tripla reiteração do nome da revista: as letras como objetos lúdicos, a ave homônima pousada no hífen e a própria revista impressa nas mãos de um grupo de crianças. Esta repetição deliberada instaura uma oposição semântica fundamental entre Natureza (a paisagem, o pássaro) e Cultura (as letras, o impresso). É precisamente nesta tensão que a imagem transborda em significação (Greimas, 2002), revelando a representação de uma transição: a passagem da liberdade natural para a liberdade cívica, mediada pela cultura letrada. Neste ponto, a análise dialoga com a tese de Michel de Certeau, para quem a escrita ocidental opera como uma "escrita conquistadora", que coloniza o espaço do 'outro' – neste caso, a natureza e a infância – para transformá-lo em um campo para seu sistema de produção (Certeau, 1985, p. 10).

Nesse sentido, a análise revela a presença de um "preceptor oculto" na cena, uma figura mediadora que prepara esses sujeitos para o contrato social republicano, idealizado por Rousseau e observado por Décio Gatti Jr. (2014) em seu trabalho a respeito da influência do pensamento rousseuniano na educação no Brasil. Este preceptor não está encarnado em uma





figura humana, mas na própria revista O Tico-Tico. Essa figura mediadora se volta para a criança, que, no discurso moderno, é frequentemente construída como o "outro" a ser civilizado e integrado (Certeau, 1985, p. 15). Ao se posicionar como objeto de leitura, a publicação se coloca discursivamente como o veículo educador de uma "República criança", refletindo as projeções da elite republicana sobre a infância ideal. Assim, o cabeçalho opera como uma "ação" ou "speech act" (Guimarães, 2021, p. 8), utilizando o imaginário de Rousseau para legitimar um projeto de formação cultural bem definido, tornando-se o que Michel de Certeau (1985, p. 21) define como uma "ficção do presente": uma narrativa que mobiliza um passado idealizado para ordenar e dar sentido às urgências do seu próprio tempo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do cabeçalho da primeira edição de O Tico-Tico, sob a perspectiva da filosofia rousseauiana, cumpriu seu objetivo ao demonstrar que a imagem opera em um duplo registro discursivo. Em sua superfície, a composição visual evoca o ideal de uma educação natural, alinhada aos preceitos de Rousseau. Contudo, a investigação aprofundada revelou que o resultado mais relevante deste estudo reside na identificação da própria revista como um "preceptor oculto". A publicação se insere na cena como o dispositivo pedagógico central, que utiliza a retórica da liberdade natural como uma "ficção do presente" (Certeau, 1985, p. 21), mobilizando um passado idealizado para legitimar a transição da criança do estado de natureza para a cultura letrada e a consciência cívica exigida pelo projeto republicano.

Deste modo, a contribuição deste trabalho para a história e historiografia da educação manifesta-se em duas frentes. Primeiramente, no plano metodológico, reforça a potência de impressos como suportes da memória pedagógica de uma época, demonstrando como a análise de um único elemento gráfico pode resgatar os vestígios de complexos projetos educativos que circulavam para além das instituições formais. Em segundo lugar, no plano historiográfico, o estudo demonstra como as representações veiculadas pela revista não apenas refletiam, mas ativamente construíam um imaginário de infância, cumprindo uma função social na constituição da identidade nacional. A relevância da pesquisa reside, portanto, em oferecer uma perspectiva histórica para o debate sobre a relação entre mídia e infância, resgatando a memória de um projeto civilizatório que nos lembra que a disputa por narrativas sobre o "aprender" é um fenômeno que transcende o espaço escolar.

5. AGRADECIMENTOS/ AGÊNCIA DE FOMENTO





O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12, n. 1 [28], p. 45-70, mai. 2012.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GATTI JR, Décio. As ideias de Rousseau nos manuais de História da Educação com autores estrangeiros publicados no Brasil (1939-2010). **Cadernos de História da Educação**, v. 13, n. 2, p. 475-498, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Entrevista com Roger Chartier: Representações das práticas, práticas da representação. **História (São Paulo)**, São Paulo, v. 40, e2021065, 2021.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio (org.). **O Tico-Tico: Centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil**. Vinhedo: Opera Graphica Editora, 2005.

